

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A MEMÓRIA DE UM ESPAÇO URBANO – TRABALHOS DE ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NA REABILITAÇÃO DO N.º 2 DA RUA DA SAUDADE (FREGUESIA DE SANTIAGO, LISBOA)

Sara Prata / Arqueóloga, Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa / saramseprata@hotmail.com

Diana Dias / Arqueóloga / dianaah.dias@gmail.com

Fabián Cuesta-Gómez / Arqueólogo, Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León / jfabian.cuestag@usal.es

RESUMO

O presente artigo trata questões de arqueologia de salvaguarda em meio urbano. Tomamos como ponto de partida os trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados durante a recuperação de um edifício no coração histórico de Lisboa: o n.º 2 da Rua da Saudade. O objectivo deste artigo é dar a conhecer os vestígios arqueológicos identificados e também apresentar algumas medidas que podem ser aplicadas em projectos de reabilitação urbana. Pretendemos garantir que o conhecimento obtido através dos achados arqueológicos identificados em obras no centro das cidades é de alguma forma conservado na nova paisagem urbana.

ABSTRACT

The present paper considers matters of rescue archaeology in urban areas. Our starting point was the development-led archaeology works that took place during the rehabilitation of apartment building number 2 of Saudade Street (Lisbon). We aim to bring to light our findings and also to set an example of measures that can be applied in urban development projects. Our goal is to ensure that the knowledge obtained from archaeological findings in urban centres is somehow preserved in the new urban landscape.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo surge na sequência dos trabalhos de acompanhamento arqueológico da obra de reabilitação realizada no edifício n.º 2 da Rua da Saudade (Freguesia de Santiago, Lisboa), realizados entre 2011 e 2012. O objectivo deste artigo é dar a conhecer os nossos resultados e também expor algumas medidas que podem ser aplicadas em projectos de reabilitação urbana, assegurando assim que os resultados obtidos a partir dos trabalhos arqueológicos são de alguma forma mantidos na nova paisagem urbana. O imóvel agora em análise localiza-se na zona histórica de Lisboa, inserindo-se numa área de Nível II (segundo os Indicadores de Monitorização do Plano Director Municipal de Lisboa) e ainda nas imediações da Zona Especial de Protecção do Teatro

Romano de Lisboa (monumento classificado: Z.E.O, D.G., 2ª série, n.º 71 de 25/3/1996).

Os trabalhos realizados para requalificação do edifício, datado de 1870 na sua forma actual, foram condicionados pelo Plano Director Municipal de Lisboa e ainda pelo Plano de Urbanização do Núcleo Histórico de Alfama e Colina do Castelo. Consequentemente, embora o interior da estrutura viesse a sofrer profundas alterações, a aparência da fachada foi integralmente mantida. A presença de um arqueólogo em obra foi obrigatória em todos os trabalhos que implicaram revolvimento do subsolo ou afectação do edifício original.

Importa ainda referir a realização de três campanhas de trabalhos arqueológicos previamente efectuados pela empresa ERA Arqueologia S.A na área do edifício. Durante estes trabalhos foi possível iden-

tificar pelo menos três momentos estratigráficos distintos: um nível romano, um nível de ocupação pré-pombalina e níveis de aterros contemporâneos embora estes últimos afectassem profundamente os anteriores (Ferreira, 2004; Brazuna, 2005 e 2006). Estes três factores – a localização do edifício, a antiguidade do imóvel e os resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos anteriores – ajudaram a reforçar a importância de assegurar um acompanhamento arqueológico continuado na obra de reabilitação do edifício e nortearam as nossas opções metodológicas.

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

As áreas intervencionadas bem como a profundidade de escavação atingida foram sempre limitadas pelas cotas de afectação do projecto o que dificultou a leitura da estratigrafia e a análise dos vestígios identificados.

Por motivos de organização dividimos o espaço em *locus* funcionais, individualizando cada um com uma centena estratigráfica própria, garantindo assim uma sequência de registo autónoma. Esta medida facilitou a documentação em *locus* que não foram escavados de forma contínua e foi especialmente útil quando vários *locus* estavam a ser intervencionados em simultâneo, evitando duplicidade de registo.

A própria estrutura do edifício foi alvo de acompanhamento arqueológico. Esta medida deveu-se ao interesse histórico – inerente à antiguidade do imóvel e à possibilidade de serem detectadas preexistências construtivas na edificação – mas também devido à proximidade com o teatro romano. A possibilidade de existirem reaproveitamentos de elementos arquitectónicos, provenientes do monumento romano, foi um dado que tivemos em conta. Realizou-se o levantamento fotográfico de todas as paredes e foi devidamente registada a presença de reaproveitamentos arquitectónicos inseridos no seu interior. Todos os trabalhos de demolição foram também acompanhados por um arqueólogo.

3. A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Os resultados obtidos durante os trabalhos de escavação foram condicionados pela própria geografia do local, já que o edifício se encontra entre duas colinas, e também pela presença dos níveis de aterro criados a partir dos escombros do terramoto. Consequentemente, a estratigrafia identificada apresen-

ta um elevado nível de revolvimento, dado suportado pela constante convivência de espólio cerâmico de cronologias díspares. Iremos focar-nos nas duas áreas onde identificámos vestígios parcialmente conservados: o *locus* do *Restaurante* e o *locus* do *Jardim* (Figura 2).

Os trabalhos realizados no *locus* do *Restaurante* corresponderam à escavação para implantação da estrutura periférica de contenção do edifício: *sapatas I a VI*. Após a remoção do pavimento actual foi possível constatar que este assentava directamente sob o substrato geológico em quase toda a área do *Restaurante*. As unidades estratigráficas aqui identificadas correspondem aos níveis de enchimento das *sapatas* do imóvel, exibindo materiais cerâmicos contemporâneos da construção do edifício. No entanto, foi também possível identificar materiais de cronologia anterior, certamente fruto da remoção de terras próximas para enchimento. Apenas no canto Sudeste deste *locus* se documentaram níveis anteriores à construção do edifício. Ao escavar a *sapata I* identificou-se um muro com orientação Este-Oeste e o que parece ser outra estrutura murária com orientação Norte-Sul. As áreas intervencionadas para a colocação das *sapatas II e III* foram essencialmente escavadas no substrato geológico. No entanto, na abertura da *sapata IV* foram detectados vestígios estruturais, nomeadamente a esquina de um outro muro. É possível que estas estruturas estejam de alguma forma relacionadas com as identificadas na *sapata I*, devido à composição semelhante destes muros: argamassas amarelas, pedras mal afeiçoadas e/ou não afeiçoadas de todo, estuques brancos nas faces interiores. Todas estas estruturas assentam directamente sobre o estrato geológico e foram afectadas com a construção do edifício actual. Durante a escavação da *sapata V* identificou-se uma caixa colectora de esgoto delimitada por lajes pétreas e cimento inserida no estrato geológico, muito provavelmente contemporânea da construção do *Restaurante*¹. Após o levantamento da laje pétreia que constituía o seu limite inferior foi detectada uma mancha de terras castanhas muito escuras encostada ao corte Sul da caixa (Figura 3.2). A escavação do seu interior revelou restos de fauna malacológica e algum material cerâmico. Esta unidade

1. A construção do restaurante *O caminho do Castelo* no rés-do-chão, pela firma Casimiro, José & Manuel, Lda. decorreu entre 1977 e 1980.

estratigráfica estava delimitada no substrato rochoso, tendo uma profundidade máxima de apenas 35 cm (Figura 3.3).

Acreditamos que esta unidade consiste na base de uma estrutura negativa, que terá sido destruída durante os trabalhos de nivelção do substrato para a construção desta área do edifício. Os fragmentos cerâmicos identificáveis recolhidos nesta unidade são coerentes com as produções de época medieval islâmica. Pensamos poder tratar-se do fundo de um silo, amortizado como lixeira². Devido ao mau estado de conservação das estruturas identificadas no *Restaurante*, não foi possível averiguar a existência ou ausência de uma relação directa com a estrutura negativa.

As escavações realizadas no *locus* do *Jardim* prenderam-se com a necessidade de remodelar o paredão que sustenta o patamar onde seria construído o actual duplex. Durante a escavação desta área foi possível identificar um conjunto de estruturas que correspondem aos vestígios de um edifício anterior (Figura 4).

As estruturas apresentam um relativo nível de robustez, sendo construídas essencialmente em blocos de pedra de média e grande dimensão, travados com argamassa amarela esbranquiçada e apresentando alguns elementos de tijolo no enchimento. As paredes desta estrutura quadrangular apresentam-se estucadas, constituindo possivelmente o compartimento interior de um edifício de dimensões superiores às conhecidas. Esta ideia é reforçada pela presença de uma escadaria na face Oeste exterior do compartimento. A profundidade atingida na escavação desta área pôde apenas ultrapassar em 30 cm aquela imposta pela cota de afectação da obra, não sendo possível atingir o nível de ocupação deste espaço nem tão pouco a base das estruturas identificadas. Os níveis aqui escavados apresentaram materiais de época moderna. A presença frequente de nódulos de argamassa e de muita quantidade de telhas sugere que tenhamos escavado apenas o nível de amortização do compartimento que terá sido aterrado aquando da construção do edifício actual. No extremo Sul da área do *Jardim* foi demolido o muro exterior que separa esta área do Beco do Bugio. Após a sua demolição identificaram-se os vestígios

de uma estrutura de construção muito semelhante ao conjunto anteriormente referido, podendo ser parte do mesmo edifício de época moderna. Depois de demolida esta estrutura foi possível observar o vestígio de um pavimento de seixos rolados. A sua camada de assentamento parece continuar para Oeste, no entanto o seu mau estado de conservação impossibilita a interpretação segura da sua funcionalidade, sendo possivelmente o pavimento de um espaço exterior (Figura 3.4).

4. O ESPÓLIO

Começaremos por apresentar os materiais identificados durante o acompanhamento das demolições. A demolição dos muros internos do edifício revelou um conjunto de elementos pétreos reaproveitados, sendo na sua maioria blocos afeiçoados sem nenhuma característica individualizante que permita atribuir cronologias ou procedências prévias. No entanto, existem uma série de elementos reconhecíveis. Destacamos uma imposta do século XVI e um conjunto de elementos trabalhados, possivelmente de época moderna, que parecem corresponder a molduras de portas e janelas. O exemplar mais relevante trata-se sem dúvida de um fragmento em forma de Joelho com drapeado parcial esculpido em mármore branco (Figura 5). A sua elevada semelhança geológica com outros elementos de estatuária permitem-nos afirmar que seria parte de uma escultura do conjunto decorativo do teatro romano de Lisboa. Recuperámos ainda um tambor de coluna em mármore rosado com um diâmetro e uma altura de cerca de 42cm que poderá igualmente pertencer ao aparato arquitectónico do teatro romano³.

O espólio arqueológico recuperado durante o acompanhamento da obra foi muito abundante. Quase todo este material é atribuível às épocas moderna e contemporânea, existindo alguns fragmentos de épocas declaradamente anteriores.

O espólio apresentado consiste numa pequena amostragem dos materiais recolhidos durante o acompanhamento das escavações. Foi possível constatar que a percentagem mais significativa de fragmentos cerâmicos é atribuível à época moderna. Do conjunto de fragmentos identificáveis desta cronologia destacam-se as peças de cerâmica comum e cerâmi-

2. Conhecem-se para a área de Lisboa paralelos de silos de cronologia islâmica, escavados no substrato rochoso com níveis de lixeira (Calado e Leitão, 2005).

3. Agradecemos à Dra. L. Fernandes pelo apoio com a análise dos materiais arquitectónicos.

ca comum vidrada de uso quotidiano. Embora consistam essencialmente em fragmentos de recipientes de armazenamento e de cozinha, destacamos um conjunto de quatro candeias trilobadas (Figura 6.3). Ainda para esta cronologia, em percentagens muito inferiores, foram identificados alguns fragmentos de faiança portuguesa e de porcelana de importação chinesa. Estes materiais carecem ainda de um estudo aprofundado que permita a atribuição de cronologias finas. Foram ainda recuperados vários azulejos de época moderna dos quais alguns exemplares de aresta, procedentes de oficinas sevilhanas do século XVI (Domínguez Caballero, 1998). Identificámos ainda fragmentos de cachimbos, produções locais em cerâmica comum e produções inglesas em caulino (Calado, Pimenta & Silva, 2003). Referimos ainda a identificação de uma panela manual, das designadas peças de cerâmicas primitivas, possivelmente do século XVII (Barro & Cardoso, 2008).

No que diz respeito aos materiais de época contemporânea os fragmentos mais abundantes são, sem dúvida, os elementos de cerâmica industrial. Assinalamos os fragmentos das típicas produções de cerâmica da Fábrica de Sacavém mas também exemplares de importação de produção inglesa, dos centros de produção de Leeds e Staffordshire, datáveis de finais do século XVIII. Destacamos um conjunto de fragmentos em *Basaltware* com pequenos gatos metálicos, demonstrando a preocupação em manter a integridade deste exemplar do século XVIII, também de procedência inglesa (Figura 6.4). Para esta cronologia identificámos uma quantidade considerável de materiais em vidro, e ainda alguns objectos metálicos de uso quotidiano.

Os únicos materiais recuperados de um nível arqueológico estanque são os do possível fundo de silo identificado no *Restaurante*. O fragmento melhor conservado consiste num bordo com arranque se asa de uma jarra em cerâmica comum, de pasta cinzenta, decorada com linhas pintadas a branco. Trata-se de uma peça tipicamente islâmica, do século XI (Calado & Leitão, 2005 p. 466) (Figura 6.2). Referimos que em outras zonas de aterro escavadas durante os trabalhos em obra se identificaram fragmentos de cerâmica comum pintada e uma boca de candil também de cronologia medieval muçulmana. A presença destes materiais descontextualizados em vários pontos da obra em paralelo com a estrutura negativa identificada leva-nos a considerar a possibilidade de um espaço ocupacional muçulmano.

Surgiram também alguns materiais de cerâmica de época romana, essencialmente bojos de pequena dimensão e difícil identificação, e três fragmentos de *terra sigillata*, um deles identificado como uma TSH Drag. 37, dos centros de produção de La Rioja (c. 70 – 110 d.C.)⁴ (Figura 6.1). Estes materiais de época romana que pontualmente surgem podem-se justificar pela alteração de níveis inferiores de cronologia imperial, como consequência das sucessivas construções neste espaço.

5. MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA DO EDIFÍCIO

O facto dos trabalhos de acompanhamento nem sempre gozarem da publicidade e divulgação que os tornariam mais acessíveis faz com que exista um desconhecimento generalizado de qual o propósito dos trabalhos arqueológicos desta natureza. Acreditamos que mais do que a sua fundamental divulgação científica, devemos tentar que os resultados obtidos tenham um impacto positivo junto do público geral. Numa tentativa de fomentar esta postura procurámos encontrar formas de inserir o conhecimento obtido através dos vestígios arqueológicos recuperados na estrutura definitiva do edifício. Alguns dos elementos arquitectónicos de maior dimensão serão reentregados no novo jardim, devidamente acompanhados de uma placa explicativa, e tentaremos ainda que sejam colocados painéis nas zonas comuns do edifício onde sejam incluídos os desenhos das estruturas identificadas e algumas imagens do espólio recuperado.

Estas pequenas medidas encontram muitas vezes receptividade por parte dos donos de obra – que as podem ver como formas de enriquecer o imóvel – e permitem que os contributos do acompanhamento arqueológico sejam integrados nos edifícios actuais, ajudando a manter *in situ* a memória destas ilhas de paisagem urbana.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de acompanhamento desenvolvidas nesta zona urbana permitiram-nos documentar a utilização deste espaço em quatro momentos históricos diferentes. No entanto, o carácter da intervenção, o

4. Agradecemos ao Professor Doutor R. Banha da Silva pela ajuda com a análise do espólio de cronologia romana.

comportamento geológico do substrato e as sucessivas construções existentes na área analisada, não permitiram uma caracterização individualizada das realidades presentes. A sucessiva criação de níveis de aterro e enchimentos, posteriores ao terramoto de 1755 e contemporâneos da construção do edifício de 1870, provocaram o revolvimento dos diferentes níveis arqueológicos outrora existentes e respectivo espólio associado. A informação obtida oferece-nos apenas uma versão débil e fragmentada da história deste espaço urbano. Ainda assim, existem alguns níveis estratigráficos cuja leitura nos fornece dados importantes.

Se dos níveis romanos os nossos trabalhos apenas permitiram registar espólio cerâmico descontextualizado, a presença pontual destes materiais nos níveis de aterro apenas confirma a afectação dos níveis arqueológicos mais recuados. Cabe-nos no entanto recordar a documentação de níveis conservados para esta cronologia durante as intervenções arqueológicas anteriores (Brazuna, 2006). Essa profunda alteração sofrida pelos níveis prévios é exemplificada pelo arrasamento do possível silo de época islâmica do qual nos chegou apenas o fundo da estrutura. Devemos assinalar também a documentação dos vestígios de um edifício certamente de época moderna, e de um pavimento de seixo rolados, profundamente afectados pela nivelção do solo para a construção do logradouro do prédio de 1870.

Embora com as suas limitações, a importância da divulgação científica dos resultados obtidos no acompanhamento da reabilitação do n.º2 da Rua da Saudade deve ser vista a uma escala maior. O cruzamento desta informação segmentada com dados obtidos em trabalhos análogos ao nosso aumenta o conhecimento sobre as realidades arqueológicas conservadas. Os vestígios por nós identificados são, no fundo, condutores cronológicos da ocupação deste espaço, significativos para o conhecimento do passado histórico da cidade de Lisboa.

Por fim, a integração dos resultados obtidos na estrutura do edifício reabilitado não só direcciona o público geral para a importância dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos nos centros urbanos como garante que a memória das ocupações anteriores, identificada no registo arqueológico, se cristaliza na paisagem urbana actual.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luís; CARDOSO, Guilherme (2008) – Cerâmicas manuais dos séculos XVI a XVIII de Almada, Cadaval e Cascais. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11: 2. pp. 347-360.

BRAZUNA, Sandra (2005) – *Rua da Saudade n.º2 (Lisboa) Relatório dos Trabalhos arqueológicos*. Era – Arqueologia S.A. Texto policopiado.

BRAZUNA, Sandra (2006) – *Relatório do acompanhamento arqueológico no edifício da Rua da Saudade, n.º 2/2C*. Era – Arqueologia S.A. Texto Policopiado.

CALADO, Marco; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo (2003) – Cachimbos de cerâmicas provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Estudos Património*. Lisboa, 5, pp. 83-95.

CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco (2005) – A ocupação islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8: 2, pp. 459-470.

CORREIA, Ana; SILVA, Carolina (2004) – Azulejaria de interior na Baixa Pombalina: um contributo para o seu estudo. *Revista Monumentos*. Lisboa.

DOMÍNGUEZ CABALLERO, Rosa María (1998) – Evolución del azulejo sevillano desde el siglo XIII. Técnicas. In *Actas del Segundo Congreso Nacional de Historia de la Construcción*, A Coruña, pp. 139-144.

FERREIRA, Ângela (2004) – *Trabalhos arqueológicos no n.º 2 da Rua da Saudade (Lisboa), Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Era – Arqueologia S.A. Texto Policopiado.

FERNANDES, Lúcia (2009) – *Intervenção Arqueológica no Teatro Romano de Lisboa de 2001 – Relatório preliminar*. Lisboa. Serviço de Arqueologia na Câmara Municipal de Lisboa.

MECO, José (1993) – *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.

MOORE, Hudson (1942) – *The old China book including Staffordshire, wedgwood, lustre another English pottery and porcelain*. New York: JJ Little & Ives Company.

TORRES, Joana (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de mestrado em arqueologia da FCSH – UNL. Texto policopiado.

Obra n.º 9.888. Processo da Rua da Saudade n.º2, Câmara Municipal de Lisboa.



Figura 1 – Localização do edifício (fonte Google Earth 2013). Fachada do edifício.

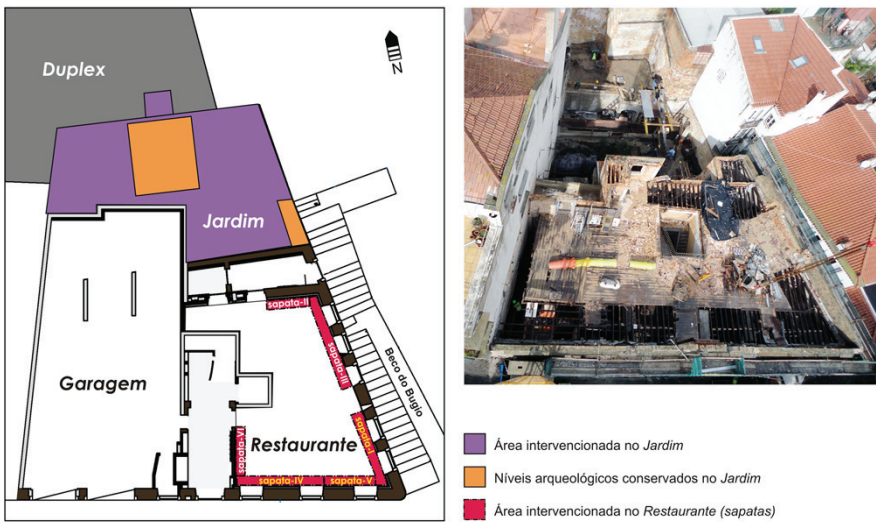


Figura 2 – Croqui do piso térreo do edifício com indicação dos *locus*. Vista superior do edifício durante os trabalhos de demolição.



Figura 3 – Vista de pormenor das estruturas identificadas durante a escavação da *sapata* IV; 2) Aspecto geral do possível fundo de silo identificado na *sapata* V; 3) Aspecto de pormenor do perfil do possível fundo de silo; 4) Vista do pavimento identificado na zona do Jardim contígua ao Beco do Bugio.



Figura 4 – Fotografia e desenho arqueológico dos vestígios do edifício de época moderna identificado na zona Norte do Jardim (Desenho vectorizado a partir do original de Márcio Martingil).



Figura 5 – Fragmento de elemento de estatuária de mármore em forma de joelho com drapeado.

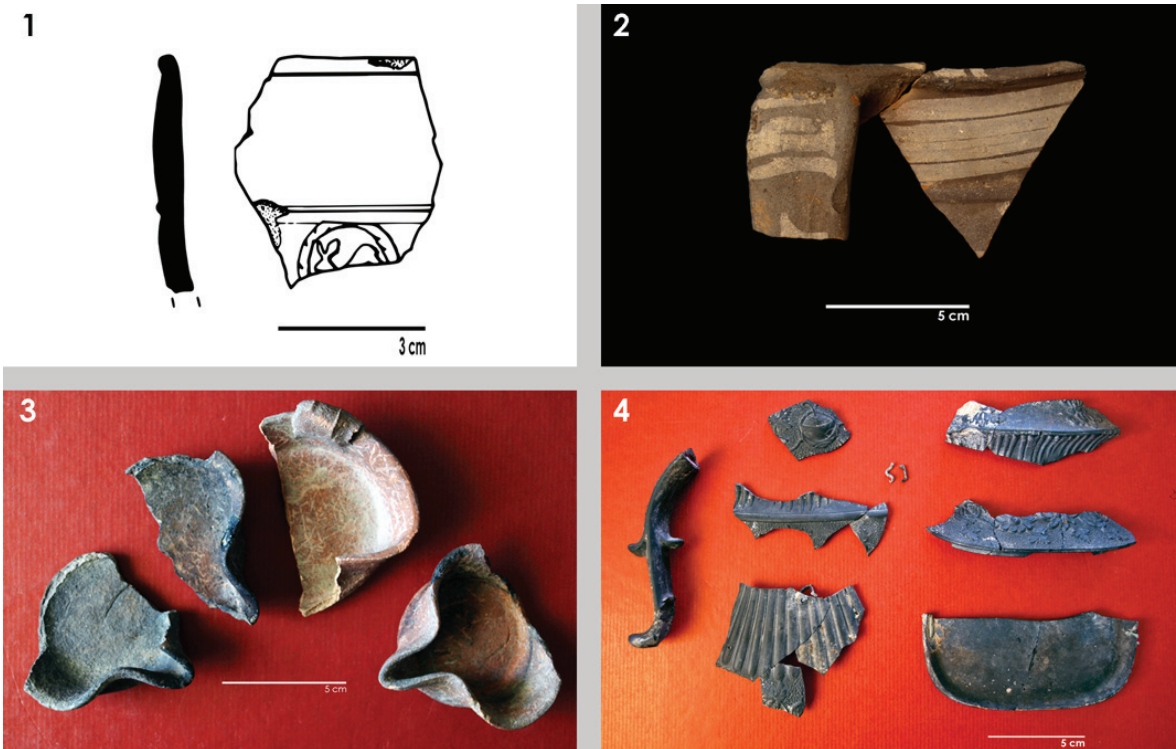
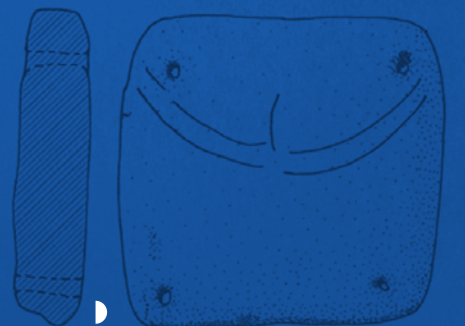
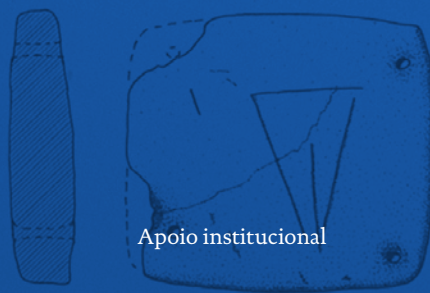
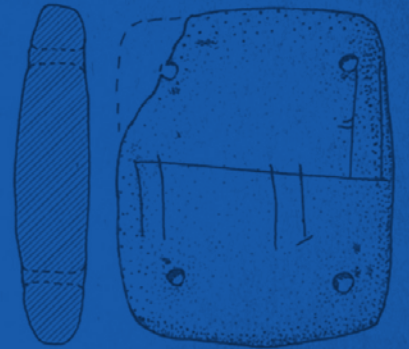
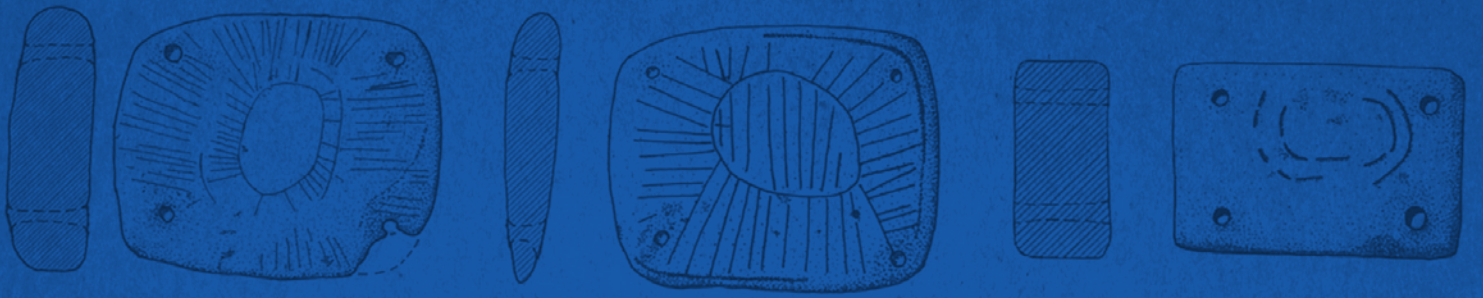
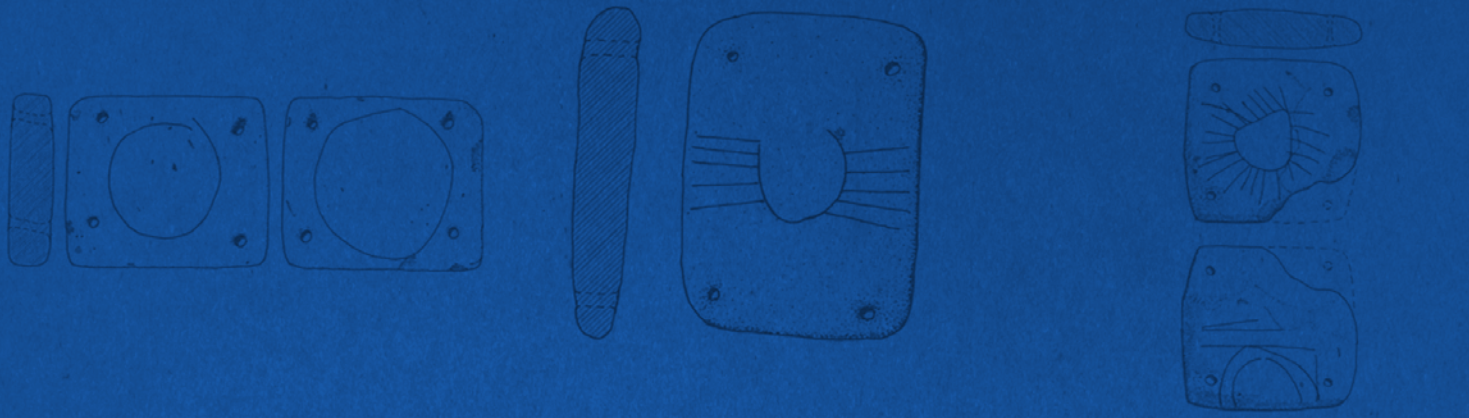


Figura 6 – Fragmento de *terra sigillata*; 2) Bordo de jarra recolhido no interior do possível fundo de silo; 3) Candeias de época moderna; 4) Fragmentos de *Basaltware* com pequenos gatos metálicos.



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua